

CLÓVIS MOURA E A FUNDAÇÃO DO IBEA - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS AFRICANISTAS

Cleber Santos Vieira¹

Resumo: O Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) foi criado em 1975 com o objetivo de pesquisar e debater os problemas do negro no Brasil. O artigo analisa sua fundação com ênfase no papel desempenhado pelo escritor Clóvis Moura, bem como destaca a contribuição decisiva de intelectuais e ativistas de diferentes instâncias, destacadamente do movimento negro, União Brasileira de Escritores (UBE) e organizações políticas de esquerda, principalmente os partidos comunistas.

Palavras-chave: Clóvis Moura; IBEA; movimento negro.

CLÓVIS MOURA AND THE IBEA FOUNDATION - BRAZILIAN INSTITUTE OF AFRICAN STUDIES

Abstract: The Brazilian Institute of African Studies (IBEA) was created in 1975 with the aim of researching and discussing the problems of blacks in Brazil. The article analyzes its foundation with emphasis on the role played by the writer Clóvis Moura, as well as highlights the decisive contribution of intellectuals and activists from different instances, notably the black movement, Brazilian Union of Writers (UBE) and leftist political organizations, mainly the communist parties.

Keywords: Clóvis Moura; IBEA; black movement

CLÓVIS MOURA ET LA FONDATION IBEA - INSTITUT BRÉSILIEN D'ÉTUDES AFRICANISTES

Résumé: L'Institut Brésilien d'Études Africanistes (IBEA) a été créé en 1975 dans le but de rechercher et de débattre des problèmes de noir au Brésil. L'article analyse la base en mettant l'accent sur le rôle joué par l'écrivain Clóvis Moura, bien comme souligne la contribution décisive des intellectuels et des militants de divers organes, notamment le mouvement noir, l'Union Brésilienne des Écrivains (UBE) et les organisations politiques de gauche, en spécial les partis communistes.

Mots-clés: Clóvis Moura, IBEA; mouvement noir.

CLÓVIS MOURA Y LA FUNDACIÓN DEL IBEA - INSTITUTO BRASILEÑO DE ESTUDIOS AFRICANISTAS

Resumen: El Instituto Brasileño de Estudios Africanistas (IBEA) fue creado en 1975 con el objetivo de pesquisar y debatir los problemas del negro en Brasil. El artículo analiza su fundación con énfasis en el rol desempeñado por el escritor Clóvis Moura, bien como destaca la contribución decisiva de intelectuales y activistas de diferentes instancias, destaques del movimiento negro, Unión Brasileña de Escritores (UBE) y organizaciones políticas de izquierda, principalmente los partidos comunistas.

Palabras-clave: Clóvis Moura; IBEA; movimiento negro.

¹ Doutorado em Educação (2008) pela USP. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP.

O Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) foi fundado na cidade São Paulo em 1975 com objetivo de investigar e difundir conhecimento sobre os problemas do negro, articulando ativistas sociais e acadêmicos através de uma agenda capaz de evidenciar e enfrentar o racismo subjacente a sociedade brasileira, bem como estudar o legado da história e cultura africana. O livro póstumo de Clóvis Moura, o *Dicionário da Escravidão Negra*, registra na orelha do livro o vínculo atávico existente entre o autor e o IBEA informando que ele “criou, em 1975, o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, voltado ao estudo do racismo, tornando-se um dos principais teóricos sobre o tema”. (Moura, 2004). E era como presidente do IBEA que Clóvis Moura assinava artigos, proferiu palestras, participou de debates, ministrou cursos e examinou teses e dissertações.

A historiografia sobre o movimento negro apresenta poucos dados sobre a trajetória do IBEA, onde comumente é associado às atividades de Clóvis Moura, entidade que idealizou, fundou e presidiu até sua morte, em 2003. Em geral, a bibliografia caracteriza-se por apresentar traços rápidos e leituras genéricas nas quais a história do IBEA aparece com subsidiária e entrelaçada a outros episódios da história do movimento negro situados no contexto denominado por Petrônio Domingues de terceira fase do movimento negro, que vai do início do processo de redemocratização até a virada do século XX (Domingues, 2007)². Era o resultado do ativismo negro que, na década de 1970, experimentava a reinvenção das formas de lutas através da criação de várias entidades, bem como o ressurgimento da imprensa negra³ (idem.ibidem).

Por sua vez, Amilcar Araújo Pereira (Pereira, 2008, p.75)⁴, alargando o repertório de entidades que compõem o ‘movimento negro contemporâneo’, registrou o surgimento do IBEA

² Seguindo um recorte cronológico que obedece aos marcos da história política brasileira, Petrônio Rodrigues nomeia a primeira fase do movimento negro a compreendida entre 1889-1937; segunda fase entre 1945 e 1964 e, por fim, terceira fase de 178 a 2000. Domingues, Petrônio. Op.cit.

³ Petrônio Domingues registrou o surgimento de entidades tais como: Grupos Palmares em Porto Legre (1971); o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), em São Paulo (1972); o Instituto de Pesquisas e Cultura Negra (IPCN) no Rio de Janeiro (1976); e, finalmente, uma articulação nacional através do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978. Assinalou ainda os primeiros sinais de ressurgimento da imprensa negra com as publicações, em 1974, de *Árvore das Palavras*, *O Quadro*, *Biluga* e, em 1975, de *Nagô*.

⁴ Grupo de Teatro Evolução, do interior do estado de São Paulo; em 1974, a Sociedade Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê e a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (Secneb), em Salvador, e a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), no Rio de Janeiro, cujo jornal Sinba circulou de 1977 até 1980; em 1975, o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), criado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ), o Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo (RJ), o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (Ibea) e a Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira (Acacab), em São Paulo; e em 1976, o Núcleo Cultural Afro-

apresentando-o na qualidade de um dos órgãos responsáveis pela fundação do Movimento Negro Unificado. Na entrevista concedida por Milton Barbosa, coordenador do ato de fundação do MNU em 1978, o IBEA é identificado com “centro de estudos afro-brasileiros, que eram os irmãos Wilson e Celso Prudente e Clóvis Moura.” (PEREIRA, 2007. p.192). Segue-se nota explicativa: “trata-se do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, fundado em 1975 pelo jornalista e historiador Clóvis Moura” (idem.ibidem.).

Outros estudos assinalam que, desde o início, o teor marxista das palestras, cursos e seminários promovidos pelo IBEA, atraiu a atenção das forças repressivas atuantes no período autoritário. De acordo com Kössling, o IBEA, “que realizava pesquisas sobre a influência das culturas negras no Brasil, tinham seus eventos monitorados pelos aparelhos de informação e segurança desde 1975 (Kössling, 2007, p.97).

Por sua vez, trabalhos centrados especificamente na figura de Clóvis Moura indicam a criação do IBEA como resultado de sua maior inserção intelectual nos círculos internacionais de pesquisas sobre a diáspora africana. Nesse sentido, Fábio Nogueira de Oliveira afirma que da participação em congressos no exterior e da “ampliação das oportunidades de inserção e circulação intelectual fez com que Clóvis Moura fundasse, em meados dos anos 70, o IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (através do qual desenvolveu pesquisas em parceria com o poder público)” (Oliveira, 2009, p.98). Fato que, de acordo com outro estudioso, Gustavo Orsolon, implicaria também em um maior envolvimento de Moura com o movimento negro (Orsolon, 2013, p.29).

Apesar dos testemunhos e dispersos fragmentos, é possível assinalar a existência de considerável lacuna na história do IBEA. Questões importantes permanecem em aberto: Qual o lugar que ele ocupou no movimento negro? Para além de Clóvis Moura, quais outros sujeitos participaram de sua fundação? Outras entidades políticas e culturais estiveram envolvidas nesse processo?

Nesse sentido, um passo decisivo para elucidar tais questões ocorreu quando da doação do arquivo pessoal de Clóvis Moura ao Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM-UNESP). Ao relatar a produção do inventário do acervo de Clóvis Moura, Talita de Santos Molina afirmou que “em defesa da igualdade racial ele ajudou a criar o IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Afro, de que foi presidente por alguns anos” (MOLINA, 2008). Não obstante a brevidade do comentário, a autora arrolou em um inventário

Brasileiro, em Salvador. Cf: Pereira, 2008 Mundo negro. Possibilidades de fontes orais: um exemplo de pesquisa. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.73-98, dez. 2008, p.75.

provisório preciosos documentos pertinentes ao IBEA (conteúdos gerais, correspondências emitidas e recebidas, projetos).

A partir da consulta a esta documentação, desenvolvemos o argumento de que a criação do IBEA resultou da intersecção de três campos de poder com os quais Clóvis Moura mantinha estreita e intensa relação: União Brasileira de Escritores (UBE); antigos militantes do movimento negro, particularmente os egressos da imprensa negra; e, terceiro, o político partidário, primeiro o Partido Comunista Brasileiro (PCB), até 1962, e, desde então, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Todavia, para além destas linhas de força mais influentes, em suas origens, o IBEA pretendeu constituir-se como espaço de articulação entre movimento negro e produção científica sobre a questão do negro permeada particularmente pelos propósitos de formação de uma consciência de classe e raça caracterizando-se, por isso, como se verá adiante, como uma espécie de frente abrigando quadros egressos de diferentes correntes político-partidárias e movimentos.

Ao apresentar o livro *Sociologia Política da Guerra Camponesa: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST de Canudos*, Alípio Freire anotou o lugar e a orientação política adotada por Clóvis Moura quando de sua transferência para São Paulo:

desde o levante de Natal em 1935 (onde morava), ainda pré-adolescente, passa a simpatizar com as ideias de esquerda, vindo por fim encontrar o Partido Comunista somente em 1946, no interior da Bahia (Juazeiro) ao qual se ligará, militando naquele Estado até 1949, quando se transfere para São Paulo, passando a atuar na Frente Cultural, organismo que reunia Caio Prado, Villanova Artigas, Artur Neves e outros importantes intelectuais comunistas. (Freire, 2000, p.15)

Escrevendo sobre as características que marcaram a história do partido comunista no contexto pós-Estado Novo, Leôncio Martins Rodrigues explicou que “o crescimento do PCB depois de 1945 atraiu numerosos intelectuais. Provavelmente foi entre a *intelligentsia* que o Partido obteve maior influência, controlando inúmeras revistas e publicações, assim como entidades culturais” (Rodrigues, 1996, p.411). E continuou:

Os intelectuais de prestígio geralmente permaneceram afastados do centro do aparelho partidário, ocupando de tarefas transacionais na fronteira entre o mundo social externo e a máquina partidária: colaboração em publicações, atividades culturais “voltadas para fora”, patrocínio e realização de congressos, conferências, assinaturas de manifestos e outras atividades político-culturais, ou semiculturais, destinados a dar cobertura legal à política do PCB (idem. p.412).

Em São Paulo, enquanto profissionalmente trabalhava como jornalista para Samuel Wainer e nos Diários Associados para Assis Chateaubriand (Mesquita, 2002, p.176), Clóvis Moura cerrou fileiras ao lado de importantes nomes da intelectualidade da esquerda brasileira. Intelectuais comunistas que atuavam com certa autonomia, não necessariamente seguindo a disciplina partidária⁵. Aos já citados nomes podem ser agregados outras figuras pertencentes ou atuando na órbita da Frente Cultural do Partido Comunista, como Mario Schenberg, Fernando Pedreira, Afonso Schmidt e Carlos Marighela, este exercendo a função de assistente da Frente.

Na vastidão de espaços de atuação da Frente Cultural destacamos os órgãos representativos de literatos, poetas, romancistas, mais precisamente a UBE, entidade sucessora da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), fundada em 1943 que, por sua vez, incorporou a Sociedade Brasileira de Escritores (SBE), existente desde 1942. Após o I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, uma dissidência na ABDE resultou na criação de outra entidade: a Sociedade Paulista de Escritores. Dos encontros e ações comuns realizadas entre estas entidades, principalmente as desencadeadas em defesa da transformação do espaço do Parque do Ibirapuera, sede das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em Museu Cultural, surgiu a UBE: “em 20 de dezembro de 1957, firmou-se um “acordo para a fusão da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, e a Sociedade Paulista de Escritores”, assinado pelos respectivos presidentes: Mário Donato e Paulo Duarte.” (Guimarães, 1982, p.10).

A relação nominal das diretorias da UBE⁶ não deixa dúvida quanto a significativa presença de escritores comunistas ou simpatizantes de seus propósitos na história da entidade. Tomando-se apenas os nomes mais conhecidos, temos que Artur Neves, na condição de secretário, compôs a primeira diretoria, exercida entre 1957 e 1960 e, na segunda gestão (1960-1961), foi eleito vice-presidente. Nesta mesma gestão, Mario Schenberg tornou-se o diretor do departamento científico, enquanto Afonso Schmidt militou como membro do Conselho Fiscal e Consultivo por três mandatos consecutivos, entre 1957 e 1964, chegando, enfim, à presidência da UBE para o período 1964-1965, mandato interrompido com sua morte em março de 1964. A efêmera diretoria da UBE sob a presidência de Afonso Schmidt contou ainda com a presença

⁵ Érika Mesquita distingue intelectuais partidários de intelectuais simpatizantes afirmando que, Clóvis Moura “seguramente se enquadra na ala dos intelectuais simpatizantes, que igualmente a Pablo Neruda, Jorge Amado e Caio Prado não seguia disciplinarmente aos ditames do partido. Mesquita, Érika. Op.cit. p.178.

⁶ Estas e as demais informações relacionadas a composição da UBE foram obtidas a partir de levantamentos realizados em: Guimarães, Torrieri e Fidelis, Guildo. Op.cit e Sayeg, J.B E CARNEIRO, Caio Porfírio. A vocação nacional da UBE: 62 anos. SP: RG Editores, 2004.

de dois importantes nomes ligados a intelectualidade comunista, Leôncio Basbaum e o escritor e ativista negro Solano Trindade. Ao lado de Clóvis Moura na diretoria, Solano Trindade desempenharia novamente a função de conselheiro na gestão seguinte (1964-1965).

Inclui-se ainda dois outros intelectuais. Mario Donato: presidente da ABDE à época da fusão com a Sociedade Paulista de Escritores (SPE) que originou a UBE, em 1959, vice-presidente da UBE em dois mandatos consecutivos 1958 a 1961, presidente de 1963 a 1964, membro do conselho consultivo e fiscal em outras três ocasiões. E Moises Vinhas: diretor da UBE em 1964 (Gestão Afonso Schmidt), membro do conselho consultivo por quatro mandatos entre 1965 e 1972.

Faz-se necessário um breve comentário sobre a gestão eleita para o período 1964/1965. Ocorre que o romancista Afonso Schmidt, após ter liderado a chapa vencedora do pleito de 1963, faleceu meses depois. Os sócios decidiram por não realizar novas eleições e nova diretoria foi eleita em assembleia realizada no dia 20 de maio de 1964, pois, com o Golpe Militar de 1964 “impunha-se a formação de uma diretoria capaz de enfrentar os tempos sombrios que eram previstos. Foi a que se elegeu em 20 de maio de 1964, em Assembleia Geral, ante a renúncia dos diretores e conselheiros.” (CCJ, 1984, p.11).

Sobre a amizade mantida com Afonso Schmidt e as lutas que juntos enfrentaram nos tempos da UBE, dirá Clóvis Moura, tempos depois, a 26/03/1978, em carta⁷ emitida a Godofredo Augusto Schmidt, irmão de Afonso:

Foi uma grande satisfação receber a sua carta e o seu livro, em um momento que precisávamos tanto de solidariedade. Infelizmente o gesto de pessoas como você não foi suficiente para desmontarmos a **máquina** da UBE. Iremos em frente, contudo. Fui um grande amigo do seu irmão, o Afonso Schmidt. Tivemos relações muito cordiais e até hoje sinto sua falta no cenário cultural do Brasil. Foi o último presidente digno da UBE.

Somente agora vou recomeçar as minhas leituras e irei inicia-las pelo seu livro. Parece que ainda temos muita coisa a fazer em comum⁸.

Assim, vinculado a esta potente e politizada rede de sociabilidade, dois anos após a publicação de *Rebeliões na Senzala*, de ter exercido a função de “redator dos jornais *Diário da*

⁷ Clóvis Moura refere-se ao processo eleitoral de 1978 para direção da UBE, que desencadeou um movimento interno direcionado a superar o grupo liderado por Raymundo Menezes na direção da UBE. Sobre o episódio rememorou Torrieri Guimarães: “e pela primeira vez, em muitos anos, a UBE viveu um memorável pleito. Apesar da tempestade que se abateu sobre São Paulo, cerca de trezentos eleitores compareceram às urnas, isto é, cinquenta por cento do quadro ativo de associados na época. A situação venceu, como esperávamos, visto que nosso movimento, surgido às vésperas do pleito, só poderia dar frutos a longo prazo”. Guimarães, Torrieri. op.cit. p.21.

⁸ CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos.

Noite e Diário de São Paulo, de trabalhar com subsecretário de redação e crítico literário do *Correio Paulistano*” (Moura, 2014, p.31), Clóvis Moura estreou sua participação na diretoria da UBE (gestão 1961-1962), para a qual retornaria em outras duas ocasiões, na gestão 1964-1965 e 1976-1978. Um quarto mandato, agora na condição de Secretário-Geral, seria exercido no período de 1980-1982.

A redação de projeto e estatuto do IBEA foram elaborados por uma comissão composta por três intelectuais associados a União Brasileira de Escritores: Clóvis Moura; Eduardo de Oliveira e Antônio Fernandes Neto⁹, cujas credenciais apresentam a relevância e representatividade que se pretendia conferir ao IBEA: um intelectual, jornalista por ofício, militante comunista que alcançou notoriedade em estudos sobre a questão do negro brasileiro; um militante do movimento negro brasileiro, professor, advogado e poeta tendo exercido o mandato de vereador da cidade de São Paulo em 1963 pelo Partido Democrata Cristão (PDC)¹⁰. Por fim, o advogado, ex-presidente do Centro de Oratória Rui Barbosa (CORB)¹¹, ex-redator-chefe da *Gazeta Mercantil*.

A minuta produzida por este trio indicava que o IBEA seria:

uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que se dedicará a realizar cursos, estudos, congressos, simpósios, mesas-redondas, edições de livros, pesquisas e debates sobre tudo aquilo que se relacionar com o negro e a sua problemática.

Procurará interessar a comunidade negra pelos seus problemas, assim como ligará e procurará aproximar as universidades dessas comunidades, fazendo com que os estudos que estão sendo feitos pelas primeiras passem a ter uma função operacional no sentido de resolver os problemas das relações inter-raciais no Brasil.

Não terá vínculos com partidos ou grupos políticos, religiosos ou econômicos. Manter-se-á pelos seus próprios recursos, que serão os seguintes: a) contribuições regulares dos seus sócios; b) doações que venham a ser feitas; c) subvenções de espécies diversas”.¹²

A criação do IBEA, pode-se dizer, foi idealizado por Clóvis Moura com o respaldo representantes do movimento negro, da intelectualidade paulista agrupada em torno da UBE e quadros político-partidários constituindo, nesse sentido, uma espécie de frente política na forma

⁹ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.

¹⁰ Sobre a biografia de Eduardo de Oliveira ver também: Teodoro, Maria de Lourdes. Eduardo de Oliveira visto Lourdes Teodoro. In: Oliveira, Eduardo de. Quem é quem na negritude brasileira. São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro: Brasília: SNDH, 1998. p.289.

¹¹ Ao relatar alguns dos significativos episódios de sua militância no movimento negro, José Correia Leite assim se referiu a Nair Araújo e ao CORB: “E depois ela também começou a participar dum curso de oratória que tinha na União Brasileira de Escritores, com o título de Curso de Oratória Rui Barbosa. (CUTI, 2007, p.174).

¹² Minuta-Projeto de Criação do IBEA, s/d. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.

e antirracista nos propósitos. Daí a presença de ex-frentenegrinos, socialistas, comunistas, democratas-cristãos e escritores dentre os seus fundadores. Foi na sede da UBE que se realizou a assembleia de fundação do IBEA, às 20 horas do dia 17/06/1975 em sua sede, em São Paulo, à Rua 24 de maio, 250, 13º andar, endereço que também tornou-se o endereço provisório do IBEA. A ata desta reunião informa a participação de 28 pessoas, a saber: Antônio Fernandes Neto, Clóvis Moura, Eduardo Oliveira, Maria Menezes, João Chiarini, Almir Menezes, Maria Sampaio Tavares, Antônio Possidônio Sampaio, Sebastião Camargo, Antônio Pellegrini, Mozart Menezes, Severino Silva, José Carlos Ruy, Francisco Medina, Mariza Novelo Medina, Ibiapaba Martins, Milton Fogo, Alípio Viana, Aristides Barbosa, Antonieta Dias de Moraes, Henrique L. Alves, Silvia Maria Schor, Osvaldo de Camargo, José Cordeiro de Lima, Raul Joviano do Amaral, José Montovani, Hugo Ferreira e Geraldo Campos de Oliveira¹³. Dentre eles, nada menos que 8 eram sócios da UBE, isto é, no ato de fundação do IBEA, quase 30% dos participantes era composta por quadros vinculados. São eles: Antonieta Dias de Moraes (diretora 1976-1978 e conselho consultivo fiscal, 1980-1982); Antônio Fernandes Neto, diretor 1976-1980; Eduardo de Oliveira (diretor 1966-1967, conselho consultivo e fiscal 1976-1978); Henrique L. Alves (diretor 1964-1965 e 1978-1980, primeiro secretário 1965 a 1967 e 1974 a 1978, segundo secretário 1967 a 1974); Ibiapaba Martins (diretor 1961 a 1964, segundo secretário 16/03/1964 a 20/05/1964, secretário geral 1964 a 1974 e conselho consultivo e fiscal 1976 a 1980); José Chiarini, diretor 1980-1982); José Possidônio Sampaio, diretor 1980-1982. Além do próprio Clóvis Moura (diretor 1961-1963, 1964-1965, 1976-1978 e secretário geral, 1980-1982).

É possível que, em algum grau, a hegemonia estabelecida por alguns grupos na fase inicial do IBEA tenha provocado ruídos e dissidências. Anote-se que o ato de fundação foi permeado por divergências e por menos uma importante dissidência. A chapa única presidida por Clóvis Moura foi eleita sem disputa pela ausência de chapa oponente:

o senhor Severino Silva propôs a suspensão dos trabalhos por 15 (quinze) minutos a fim de organizar outra chapa, no que foi atendido pelo senhor presidente. Findo o prazo e reaberta a Assembleia o senhor Severino Silva não conseguiu formar outra chapa, tendo sido posta em votação a única apresentada, sendo a mesma eleita por aclamação¹⁴.

¹³ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975, p.01. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.

¹⁴ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.

Outro ponto de tensão pode ser verificado pelas alterações na composição da diretoria anunciada em relação àquela eleita em assembleia do dia 14 de julho de 1976, como a inversão na tesouraria geral e 1ª tesouraria, antes ocupada por Henrique L. Alves e Sebastião Camargo, respectivamente. A mais significativa das mudanças diz respeito a secretaria geral, onde, no lugar de Hugo Ferreira, passou a figurar o nome de José Pellegrini. Em parte, as razões encontram-se no seguinte relato de fatos ocorridos ainda durante a assembleia:

O senhor Hugo Ferreira pediu a palavra e apresentou uma minuta de novos estatutos, redigidos por ele, para submetê-lo ao plenário, no que foi rebatido pela maioria dos presentes que justificavam tal atitude afirmando que os estatutos já haviam sido aprovados e que a competência da Comissão limitavam-se a parte redacional. Posta em votação, ficou aprovado que a minuta dos Estatutos redigidas pelo senhor Hugo Ferreira não seria submetida a votação (...) o senhor Hugo Ferreira em seguida pediu a palavra e solicitou, em caráter irrevogável, a renúncia do cargo de Secretário Geral para o qual havia sido eleito, e de sócio fundador do IBEA¹⁵.

À época, Hugo Ferreira atuava no Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), grupo fundado em 1971 a partir da idealização de Teresa Santos, ex-militante da Juventude Comunista¹⁶. Hugo Ferreira foi ainda um dos idealizadores dos *Cadernos Negros* (1978) juntamente com Cuti, Oswaldo de Camargo e outros colaboradores. O fato é ilustrativo e demonstra que a fundação do IBEA se entrelaçou ao efervescente processo de renascimento do movimento negro brasileiro com várias entidades, espaços e campos de atuação, sendo comum a filiação de militantes a mais de uma instituição.

A questão do partido sempre ocupou espaço central na trajetória de Clóvis Moura¹⁷ e reverberou explicitamente nesta fase de fundação do IBEA. A secretaria geral logo seria ocupada por outro personagem importante, José Carlos Ruy que, em 1975, através do PCdoB conheceu Clóvis Moura, tornara-se seu amigo com quem conviveu “quase que diariamente até 1977” (RUY, 2014). Período que coincide com a fundação do IBEA, e que, provavelmente, foi decisivo para que Ruy tornasse seu secretário geral implicando em intensa convivência de trabalho político e de pesquisa.

¹⁵ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, reiniciada em 10/07/1975 para fins de eleição da primeira diretoria, p.06. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos.

¹⁶ SILVA, Joana Maria Ferreira da. Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN. SP: Selo Negro, 2012. p.17.

¹⁷ De acordo com Flávia Mateus Rios: “No seio da intelectualidade negra brasileira, o pensamento de Clóvis Moura (1925-2003) tinha seu lugar. Interessam em conciliar a superação das raças e das classes ou via no partido político uma forma de intervenção eficiente. Para esse intelectual, o grande desafio da democratização seria o de construir um partido socialista no Brasil com a inclusão dos negros. Seria necessária, para ele, a formação de uma “consciência de raça” e de “classe” para se contrapor ao sistema dominante.” (RIOS, 2014, p.82).

Ademais, há de se destacar que a presença de importantes militantes do movimento negro brasileiro no ato de fundação e na composição da diretoria do IBEA. É o caso de Raul Joviano do Amaral, Geraldo Campos de Oliveira e Oswaldo de Camargo, além do já citado Eduardo de Oliveira, apenas para frisar os mais renomados. Aristides Barbosa ocupou a vice-presidência, Henrique L. Alves a tesouraria geral, enquanto José Correia Leite foi designado para o conselho fiscal.

	Cargo	Formação Profissão
Clóvis Moura	Presidente	Jornalista, Historiador
Aristides Barbosa	Vice-Presidente	Jornalista
Hugo Ferreira	Secretário Geral	Advogado e Poeta
José Pellegrini	1º Secretário	Corretor de Algodão; Ator
Henrique L. Alves	Tesoureiro Geral	Escritor
Sebastião Camargo	1º Tesoureiro	Economista
Oswaldo de Camargo	Coordenador Cultural	Poeta
Geraldo Campos de Oliveira	Conselho Fiscal (Efetivo)	Jornalista
José Chiarini	Conselho Fiscal (Efetivo)	Folclorista
Maria da Penha Guimarães	Conselho Fiscal (Efetivo)	Socióloga
Ibiapaba Martins	Conselho Fiscal (Efetivo)	Escritor
José Correia Leite	Conselho Fiscal (Efetivo)	Jornalista
José Carlos Ruy	Conselho Fiscal (Suplente)	Jornalista
Francisco Medina	Conselho Fiscal (Suplente)	?
Maria Sampaio Tavares	Conselho Fiscal (Suplente)	Arquiteta

Daí em diante operou-se estratégia de consolidação voltadas para atuação em várias frentes: apresentação para autoridades e redes de sociabilidade da cultura letrada no Brasil e exterior, priorizando àquelas relacionadas aos problemas do povo negro na diáspora africana.

Invariavelmente, as cartas apresentavam um texto padrão, relacionando a composição da primeira diretoria da entidade.

Exmº Sr.



Temos o prazer de comunicar a V. Excia. A fundação, nesta cidade, do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, cuja primeira diretoria fica assim composta:

Presidente – Clóvis Moura
Vice-Presidente – Aristides Barbosa
Secretário em Exercício – José Pellegrini
Tesoureiro Geral – Sebastião Camargo
1º Tesoureiro – Henrique L. Alves
Coordenador Cultural – Oswaldo de Camargo
Conselho Fiscal
Geraldo Campos de Oliveira
João Chiarini
Maria da Penha Guimarães
Ibiapaba Martins
José Correia Leite

Certos de que, partir daqui, poderemos manter relações complementares no nível de intercâmbio cultural, colocamo-nos, desde já, à disposição de V. Excia. Para qualquer dado, informação ou esclarecimento de que necessitar.

Atenciosamente,

Clóvis Moura
Presidente

As correspondências emitidas no imediato período pós-fundação do IBEA permitem mapear a rede de sociabilidade na qual o IBEA estava ou procurava estar inserido. Estudiosos da questão negra no Brasil, editores de revistas e jornalistas despontam como os pontos de contato privilegiados. Entre agosto e outubro de 1975, cartas foram emitidas para os seguintes destinatários: Ilmar Alves dos Santos, da Sociedade de Estudos de Cultura Negra no Brasil, Salvador-BA; Wladir Nader, Editor da Revista Escrita; João Chiarini, Presidente da Academia Piracicabana de Letras; A. Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras; George Alakija, membro do Comitê Internacional do II Festival Mundial de Artes e Cultura Afro-Negras; Adalberto Camargo, Deputado Federal; Raimundo Menezes, escritor presidente da UBE; Antônio Ollinto, escritor; Décio Feitas, pesquisador e Luiz Luna; Biblioteca Municipal Mário de Andrade; Jornal Movimento, com cópias para O Pasquim, Opinião e Crítica; Audálio Antas, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

Atrair para a órbita do IBEA renomados intelectuais foi outra ação desencadeada pela diretoria. Com isso, no ato de fomentar debates, conferências, palestras e cursos sobre a questão do negro brasileiro embutia-se a divulgação, reconhecimento e a legitimidade do IBEA nos círculos intelectuais. É o que permite antever o curso inaugural do IBEA e seus desdobramentos na nomeação de sócios ilustres. Em correspondência enviada ao presidente da UBE, datada em 10 de setembro de 1975, o presidente do IBEA, Clóvis Moura, solicitou espaço físico da UBE,

no caso o Auditório Galeão Coutinho, para realização do Curso “Uma visão dinâmica do Negro no Brasil”, entre os dias 20 e 30 de daquele mesmo mês. A respeito dos palestrantes e justificativas, a missiva apresentava os seguintes dados:

O Curso terá a duração de nove dias, devendo participar do mesmo os professores Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Oracy Nogueira, Clóvis Moura, Aristides Barbosa, Fernando Henrique Cardoso, Henrique L. Alves e José Ferreira Leite.

Estando o IBEA iniciando, com este curso, as suas atividades culturais, gostaríamos que a UBE, levando em consideração este particular, ao estabelecer o preço pelo uso do auditório, adiantando que os professores concordaram em dar as aulas graciosamente ou mediante um pagamento simbólico, reconhecendo a dificuldade de nossa entidade¹⁸.

Lê-se que a falta de recursos e dificuldades financeiras marcaram os primeiros passos do IBEA. Vale lembrar que do ponto de vista financeiro a entidade propunha manter-se mediante recursos próprios, através de contribuições regulares de seus sócios¹⁹. Insuficientes ou ainda não existentes, como indicam os registros, o IBEA parece ter encontrado, novamente, na solidariedade institucional da UBE o amparo necessário para a realização de suas atividades. Apesar disso, o reconhecimento da qualidade da atividade inaugural do IBEA e a importância para os estudos dos problemas do negro brasileiro foram reconhecidas por intelectuais que estiveram presente como oradores. É o caso de Florestan Fernandes, que, ao comentar os 25 anos da pesquisa²⁰ “ O preconceito racial em São Paulo” desenvolvida em 1951, a qualificou como esboço de trabalho científico cooperativo, visto que foram realizadas várias conferências em associações negras no sentido de pôr a prova das categorias analíticas empregadas diante

¹⁸ CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996)

¹⁹ No Fundo Clóvis Moura não existem registros sobre o número de sócios, nem tampouco dos valores recebidos dos sócios. Os registros de 1977 dão conta de que a os sócios pagavam uma taxa de inscrição no valor de Cr\$500,00 (quinhentos cruzeiros) somando-se a este mais Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) correspondente ao 2º semestre. Em 1978 a inscrição manteve-se no mesmo valor e, em 1979 a taxa de anuidade foi de Cr\$ 1.200,00 (um mil e duzentos cruzeiros). Neste período, o IBEA registrou o total de 56 sócios assim relacionados: Antônio Fernandes Neto, Eduardo de Oliveira, Clóvis Moura, Maria Sampaio Tavares, Maria Menezes, João Chiarini, Almir Menezes, Antônio Possidônio Sampaio, Sebastião Camargo, José Pelegri, Mozart Menezes, Severino Silva, José Carlos Ruy, Francisco Medina, Mariza Novelo Medina, Ibiapaba de Oliveira Martins, Milton Fogo, Alípio Viana, Aristides Barbosa, Antonieta Dias de Moraes, Henrique L. Alves, Silvia Maria Schor, Osvaldo de Camargo, José Cordeiro de Lima, Raul Joviano do Amaral, José Mantovani, Hugo Ferreira, Geraldo Campos Oliveira, Ângela Maria Ribeiro, Benedito Luís Amauro, Maria Aparecida Quintino Amauro, Antônio Carlos dos Santos Silva, Edson Roberto Miranda, Edilton Pereira dos Santos, Antônio Ferreira, Marialda Adão de Souza (Campinas), Soraya Silva Moura, Amaro Quintas (Recife), Maria de Fátima de Andrade Quintas (Recife), Griselda Martinho, Celso Prudente, Wilson Prudente, Jan Rocha, Dulce Maria Pereira Volney Milhomem (Brasília), Rosemiro M. da Silva, Oscarlino Marçal, Hanna Profit, Fernando M. Costa, Manuela Carneiro da Cunha, Luiz F. Fapi (Rio de Janeiro), Edith Negraes, Cacilda Aciuti, Gilséria Oliveira, Regina Lucatto, Vivaldo da Costa Lima (Salvador), Luiz Ferreira de Castro (Sócio Especial).

²⁰ O artigo “25 anos depois” foi originalmente elaborado em 1976 e arrolado como um dos capítulos de Circuito Fechado, cuja primeira edição, publicada pela editora Hucitec, data de 1976.

das categorias empregadas pelos próprios negros para compreender e enfrentar o racismo e outras dinâmicas raciais. Sobre o curso promovido pelo IBEA, Florestan Fernandes assim se referiu:

A última conferência, feita sob os auspícios do IBEA, em 13/10/1975, sobre “ a atual situação do negro no Brasil: Perspectivas, suscitou um longo debate e permitiu consolidar muitas das conclusões em que o autor tinha atuado previamente, explorando sua condição de membro-adotivo e pesquisador-participante. (Fernandes, 2010, p.302).

A programação do ato cultural de lançamento do IBEA, porém, parece não ter sido realizada em sua plenitude, sendo possível relacionar ao menos uma baixa importante dentre os expoentes previstos para o curso. O militante do movimento negro, José Correia Leite, um dos convidados, aparentemente surpreso com a menção de sua presença no curso, escreveu, em 29 de setembro de 1975, ao diretor do IBEA declinando sua participação:

Saudações,

Surpreso com o conhecimento de meu nome estar incluído num ciclo de conferências que essa nobre entidade promove, fico, com isso, muito honrado, mas por motivos de saúde, da minha idade já avançada e mesmo porque não sou homem de conferências e pessoas dessa entidade, da minha amizade pessoal como Henrique L. Alves e Oswaldo de Camargo sabem disso, peço pois, com todo respeito e desculpas, para excluir da lista mencionada o meu modesto nome.

Grato pela atenção, subscreve-se.

José Correia Leite²¹

A carta de José Correia Leite, o velho militante, para usar a expressão de Cuti, parece ser de sobressalto, de quem repentinamente se deparou com o próprio nome arrolado em um curso sobre o tema em torno qual dedicou toda uma vida, agora, porém, ao lado de nomes importantes no cenário intelectual paulista. Mas o teor da missiva é também de reconhecimento de seus companheiros de movimento negro, Oswaldo de Camargo e Henrique L. Alves; e também de respeito ao incipiente IBEA, apesar do longo diapasão que, naquele momento, aparentemente separava seis décadas de vida militante da entidade que, naquele novembro de 1975, atravessa sua primeira primavera. O assunto voltou à baila em 29/09/1975, quando novo convite foi endereçado ao mesmo José Correia Leite para participação na cerimônia de encerramento de entregas de certificados do curso, realizado no dia 16 de outubro do mesmo ano:

²¹CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996)

Este convite reforça aquele que mandamos verbalmente e do qual certamente V. Sa. Já deverá estar ciente.

Devemos esclarecer que o referido curso será ministrado pelos nossos amigos Fernando Henrique Cardoso, Oracy Nogueira, Raul Joviano do Amaral, Florestan Fernandes, Clóvis Moura, Aristides Barbosa, Eduardo de Oliveira e Oliveira e Octavio Ianni.

Gostaríamos que V. Sa. na ocasião, além da entrega dos certificados, fizesse uma palestra, de tema à sua escolha, sobre o negro e os seus problemas no Brasil.²²

A reverência ao Velho Militante e a insistência na participação, clarificam o horizonte de objetivos traçados pelo IBEA. Enuncia, pois, as marcas de uma caminhada que procurou se equilibrar entre o mundo acadêmico e a militância negra, tendo a UBE como espécie de abrigo.

A lista de oradores do primeiro curso promovido pelo IBEA revela nuances das táticas empregadas por Clóvis Moura para reconhecimento externo e inserção nos meios intelectuais. Neste caso, o plano de ação consistiu em nomear pesquisadores e outros intelectuais na forma de sócio-fundadores no Brasil ou de representantes do IBEA no exterior. Dessa forma, aplicando-se o disposto no artigo 20 do estatuto “são fundadores os sócios presentes à assembleia de constituição ou aqueles efetivos para os quais seja concedida essa qualidade por dois terços dos sócios fundadores”²³. (IBEA, 1975). Reunida em 18/03/1976 a diretoria designou para compor a galeria de sócios-fundadores os seguintes nomes: Oracy Nogueira, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Raul Joviano do Amaral e, em 24/09/1976, Jean Ziegler.

Certamente a indicação encontrou ressonância em alguns dos importantes nomes da sociologia brasileira. Desse modo, o professor Oracy Nogueira, em 04 de agosto de 1976, confirmou em carta aceitação do convite:

Estou devendo agradecimentos ao amigo e aos demais membros da diretoria do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas pela minha designação para figurar nos quadros dos sócio-fundadores.

Pretendia procurar-lhes para apresentar pessoalmente meus agradecimentos e o tempo foi passando sem ter esse ensejo. Por isso, venho fazê-lo, neste momento, por carta, assim como declarar que darei ao IBEA toda colaboração que estiver em meu alcance.²⁴

O estatuto da entidade previa ainda na composição de seus quadros, a figura dos sócios especiais “aquelas pessoas que, pelo seu trabalho artístico, científico, literário e humano na área

²² CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.

²³ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996).

²⁴ Idem.

dos estudos africanistas e afins se fizeram dignas do título.²⁵”. A documentação do Fundo Clóvis Moura não permite quantificar e nem qualificar quais nomes figuraram na condição de sócio-especial. Não obstante, é possível afirmar que um dos primeiros sócios especiais aceitos para o IBEA possuía um currículo bastante distante das qualidades de especialistas em estudos africanistas. Trata-se do Dr. Luiz Ferreira de Castro, paulista, nascido em 10/01/1923, metodista. Informou no currículo ser possuidor dos títulos de advogado, perito-contador, contador, contador-certificado, contador-economista, perito-judiciário, auditor público, jornalista, auditor independente, administrador de empresas, consultor de empresas, técnico de administração. Declarava ainda pertencer as seguintes entidades culturais: Sociedade Geográfica Brasileira, Associação dos Cavaleiros de São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, Instituto Genealógico Brasileiro, IDORT – Instituto de Organização Racional do trabalho, Academia Paulista de Direito, Associação dos ex-Alunos da Faculdade de Direito, Ordem Nacional dos Bandeirantes, Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBRADIU), Fundação Genealógica Brasileira, Fundação Martius de Ciências, Letras e Artes, Instituto Hans Staden de Ciências, Letras e intercâmbio Cultural Brasil-Alemão, associação dos ex-Alunos e Amigos da Faculdade de Direito do Sul de Minas, seção São Paulo, Instituto Interamericano de Direito do Autor, Instituto Histórico-Geográfico Bertioga-Guarujá, Instituto Cultural Pero Vaz de Caminha; Casa de Portugal, Clube dos Estados, Academia Brasileira de História, Sociedade Brasileira de Arte, Cultura e Ensino, Biblioteca do Exército, Sociedade Brasileira de Direito Criminal, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística.

Registre-se que os temas “afins” aos estudos africanistas eram muitos e diversos. O fato é que o protocolo de entrega do currículo vitae do Dr. Luiz Ferreira de Castro data de 31 de agosto de 1976, tendo efetuado o pagamento de Cr\$ 1.100,00 correspondentes a inscrição e anuidade de sócio especial do IBEA.

No plano internacional, o IBEA buscou aproximação sobretudo com instituições situadas em países africanos da América Latina que influenciaram a criação do IBEA. Cartas de apoio a iniciativa foram lidas:

o presidente pediu licença para divulgar correspondência que havia recebido sobre a ideia de fundação do IBEA-Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, tendo o senhor secretário feito a leitura de uma carta do prof. Bem Amin Pinto Bull, da Universidade de Dakar, congratulando-se com a iniciativa, do antropólogo Zapata Olivella, da

²⁵ Idem.

É possível concluir, portanto, que a ideia de criação do IBEA era debatida por Clóvis Moura ao menos desde 1974. No início daquele ano ele participou do “Colóquio sobre Negritude e América Latina”, realizado em Dakar, Senegal, para o qual “fomos convidados por Leopold Sédar Senghor, presidente do Senegal, e pelo prof. Seydou Madani Sy, Reitor da Universidade de Dakar”²⁷. E participou apresentando a comunicação “O Negro na emancipação da América Latina (o grande credor político da sociedade latino-americana), trabalho posteriormente publicado na segunda parte do livro *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1977). Em nota explicativa, enuncia o autor que a versão de 1977 é a íntegra do trabalho apresentado no Colóquio e revisto a partir das contribuições de participantes, notadamente “Nicomedes Santa Cruz, Siles Salinas, A. Archienegas, Zapata Olivella, Pablo Marines e L. Durand.” (Moura, 1977, p.12).

Os contatos africanos e latino-americanos estabelecidos em Dakar, reverberaram no ato de fundação do IBEA na forma de respaldo da comunidade internacional envolvida com as pesquisas sobre o negro na diáspora africana. Que depois receberam correspondências pelas quais Clóvis Moura anunciava as boas novas. Assim, no segundo semestre de 1975, cartas de apresentação do IBEA foram enviadas para as seguintes entidades e personalidades: IFAN-Instituto Fundamental D’Afrique Noire, Dakar-Senegal; Revista Présence Africaine, Paris-França; Leopoldo Sédar Senghor, Presidente da República do Senegal; Professor L. Durand, da Universidade de Dakar, Senegal e secretário da Association Internationale d’Afro-Latino Americanista; Secretaria Geral da UNESCO, Paris-França; Sociedad Argentina de Sociologia, Córdoba; Dirigentes do Movimento pela Libertação Nacional de Angola (MPLA) e Governo da Angola Independente; Centro di Documentazione F. Fanon, na Itália; e para diversas embaixadas de países africanos: República de Senegal; República do Zaire; República de Gana; República de Costa do Marfim; República da Nigéria e República de Trinidad-E-Tobago.

Este movimento, ao que parece, impactou até mesmo no nome: estudos africanistas, que designa uma instituição voltada para investigações sobre a África. A trajetória intelectual de Clóvis Moura, suas pesquisas e intervenções no mundo político focaram-se essencialmente

²⁶ Ata da Assembleia de Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, 17/06/1975. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996).

²⁷ Idem.

para o entendimento do protagonismo e a marginalização dos negros no Brasil, bem como o enfrentamento daquilo que DuBois denunciava como sendo o grande problema a ser enfrentado pela humanidade no século XX, o racismo. Só podemos entender a opção por este nome se considerarmos o ponto de partida da entidade, pautada pela inserção, naquele contexto, de Clóvis Moura na rede de sociabilidade internacional de pesquisadores africanos, afro-brasileiros, latinoamericanos e caribenhos.

A considerar os padrões nas comunicações do período, algumas instituições responderam ao IBEA com razoável rapidez. Em 17 de outubro de 1975, H. G. Jones, Diretor da revista “Prèsence Africaine” dava as boas-vindas ao IBEA:

Monsieur,
Nos vous remercions e votre lettre du 23 écoulé nous informant de la création de votre Institut dont nous vous félicitons.
Sous plus séparés nos vous evoyons notre catalogue et divers documents (em anglais et français) ainsi qu'un exemplaire de notre revue trimestrielle.
Velleuz agréer, Monsieur, l'expression de nos sentiments distingués²⁸.

No que se refere as relações exteriores estabelecidas inicialmente pelo IBEA, dois países mereceram destaques: Senegal e Angola. As missivas endereçadas às instituições culturais ou órgãos oficiais desses países destoaram do teor protocolar das apresentações enviadas no segundo semestre de 1975. A carta endereçada ao *Instituto Fondamental D'Afrique Noire* (IFAN) – provavelmente ao então diretor Amar Samb, sediado em Dakar, Senegal, por exemplo, era basicamente uma síntese do estatuto do IBEA. Ele relata a intenção de estabelecer intercâmbio com ativistas, instituições e entidades brasileiras e estrangeiras que, de alguma forma, colocam os problemas do negro no eixo de suas áreas de atuação; enuncia o objetivo de se criar um banco de informações a partir de gravações de “estórias” (sic) de vida dos negros; instalar uma biblioteca e criar uma editora especializadas no negro brasileiro figuravam dentre os desígnios do IBEA. A carta encerra-se frisando o compromisso do IBEA com a transformação social necessária e central na história do Brasil: o enfrentamento do racismo, isto é são também tarefas do IBEA:

organizar ou participar de campanhas de valorização do homem negro, lutar contra o preconceito de cor, a perseguição racial em todas as suas formas e apoiar todas as

²⁸ CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos.



campanhas contra a discriminação de cor, nacionalidade, convicção política ou credo religioso²⁹.

Já em relação a Angola, Clóvis Moura não disfarçava o entusiasmo com a vitória das lutas por independência dirigida pelo Movimento Popular de Libertação Nacional (MPLA). Em 01 de novembro de 1975, antes mesmo da proclamação oficial da independência angolana, o IBEA saudava e se solidarizava com a direção do MPLA nos seguintes termos:

No momento em que Angola, após uma vitoriosa luta por independência, instala o seu primeiro governo livre do colonialismo e inicia sua trajetória de país independente, O IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas refletindo o contentamento não apenas dos seus membros, mas da comunidade negra consciente do Brasil e das suas forças democráticas, não podia omitir-se.

Desta forma, transmitimos aos companheiros o nosso abraço fraternal, esperando que Angola possa vencer rapidamente a etapa de consolidação de sua independência e passe a desenvolver-se aceleradamente.

Nossa saudação fraternal estende-se a todas aquelas pessoas, grupos ou instituições que, nesse país, resistiram ao colonialismo, proporcionando as premissas para a atual vitória do povo angolano³⁰

E no mesmo dia 01 de novembro de 1975, saudava o governo angolano da seguinte forma:

Prezados senhores,

Agora que a Independência de Angola deixou de ser uma aspiração para se transformar em realidade radiosa, o IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, entidade que procura estudar e levantar os problemas do *negro*, vem trazer a esse governo a sua proposta de colaboração.

Neste sentido é que ofereceremos os nossos préstimos na área de intercâmbio cultural e de colaboração fraternal em tudo aquilo que nos for solicitado, objetivando o desenvolvimento desse país e a solução de problemas mais urgentes ligados às tarefas de consolidação da sua independência naquilo que tiver de alcance em nossas possibilidades.

Esta será uma forma de reconhecermos o esforço que o povo angolano faz não apenas para libertar-se do colonialismo, mas, também, pelo seu exemplo de autoafirmação democrática e de compreensão dinâmica do futuro da humanidade.³¹

²⁹ Correspondência emitida ao IFAN- Instituto Fondamental D’Afrique Noire, Dakar-Senegal em 29/09/1975. Localizado no CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996)

³⁰ Correspondência emitida ao Movimento Popular de Libertação da Angola em 01/11/1975. Localizado no CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996)

³¹ Correspondência emitida ao Governo Independente de Angola em 01/11/1975. Localizado no CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Grupo Correspondências. Grupo Correspondências. Série 3: Diversos: IBEA, Correspondências emitidas (1975-1985); Correspondências recebidas (1969-1996)

Essa movimentação internacional do IBEA, porém, foi atentamente anotada e bisbilhotada pelos agentes de repressão. Os órgãos de repressão chegaram a identificar Clóvis Moura como o elemento de ligação entre organizações comunistas brasileiras e o MPLA (Kössling, op. cit., p.130.).

A história do IBEA continuaria sempre associada ao seu eterno presidente, Clóvis Moura. A realização de cursos, palestras, seminários e projetos marcariam sua história em outros momentos.

REFERÊNCIAS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA. *Dossiê (Declaração de utilidade pública da União Brasileira dos Escritores)*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1984.p.11.

CUTI, ... *E disse o velho militante Jose Correia Leite*. 19ªed. Ver. São Paulo: Noovvha America, 2007, p.174.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. In: *Tempo*, 2007. pp.100-122.

FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado*. São Paulo: Editora Globo, 2010.

FREIRE, Alípio. Apresentação. In: MOURA, Clóvis. *Sociologia Política da Guerra Camponesa: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST*. SP: Expressão Popular, 2000.

GUIMARÃES, Torrieri e FIDELIS, Guildo. *UBE-União Brasileira de Escritores – 40 anos*. SP: Soma, 1982.

KÖSSLING, Karin Sant' Anna. *As lutas antirracistas de afrodescendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)*. São Paulo, 2007. Dissertação de Mestrado.

MESQUITA, Érika. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. SP, Campinas, 2002.

MOLINA, Talita de Santos. Clóvis Moura: vida intelectual e arquivo pessoal (1925-2003). *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

MOURA, Clóvis. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004.

MOURA, Soraya. Intelectual, homem e pai generoso. In: Clóvis Moura: pensador das raízes da opressão e do prototexto negro. *Revista Princípios*, n.129, jan/fev/mar. 2014, p.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Niterói, 2009.

ORSOLON, Gustavo. *“Rebeliões na Senzala” : diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2013.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *Mundo negro. Possibilidades de fontes orais: um exemplo de pesquisa.* Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.73-98, dez. 2008.

RIOS, Flávia Mateus. *Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado.* São Paulo, 2014. Tese de doutorado.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB os dirigentes e a organização. In: GOMES, Ângela Maria de Castro [et. al]. *O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964).* 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

RUY, José Carlos. A lição que aprendi com Clóvis Moura. Fundação Maurício Grabois. *Especiais: Dez anos sem Clóvis Moura*, 2014. Disponível em < <http://www.grabois.org.br/portal/especiais/149023-42869/2014-01-14/depoimento-a-maior-licao-que-aprendi-com-clovis-moura>> Acesso: 10/02/2017.

SAYEG, J.B e CARNEIRO, Caio Porfírio. *A vocação nacional da UBE: 62 anos.* SP: RG Editores, 2004.

SILVA, Joana Maria Ferreira da. *Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN.* SP: Selo Negro, 2012. p.17.

SOUZA, Gustavo Orsolon. “Rebeliões na Senzala”: diálogos, memória e o legado de um intelectual brasileiro. UFRRJ, 2013.

TEODORO, Maria de Lourdes. Eduardo de Oliveira visto Lourdes Teodoro. In: OLIVEIRA, Eduardo de. *Quem é quem na negritude brasileira.* São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro: Brasília: SNDH, 1998.p.289.

Recebido em janeiro de 2017

Aprovado em março de 2017